

# Tragédia gaúcha: cobertura factual enfraquece abordagem aprofundada no telejornalismo

- *Tragedia en Rio Grande do Sul: la cobertura factual debilita el enfoque en profundidad en el periodismo televisivo*
- *Tragedy in Rio Grande do Sul: factual coverage weakens in-depth approach in television journalism*

**Rosângela Stringari**

Universidade Federal do Paraná (UFPR)  
[stringari09@gmail.com](mailto:stringari09@gmail.com)

**Danyelle Stringari**

Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)  
Centro de Estudos e Pesquisas sobre Desastres  
(CEPED/PR)  
[danyelle.stringari@unespar.edu.br](mailto:danyelle.stringari@unespar.edu.br)

## Resumo

A mídia desempenha papel essencial em informar e conscientizar o cidadão sobre assuntos que interferem em seu cotidiano e, o impacto de eventos climáticos extremos não é exceção. Em 2024, a temperatura do planeta alcançou os maiores registros da história moderna e o aquecimento trouxe expressivo aumento de desastres, inclusive no Brasil. As notícias sobre as chuvas torrenciais que destruíram centenas de cidades no Rio Grande do Sul, romperam limites estaduais e nacionais e se espalharam nos telejornais brasileiros. Com base na análise de conteúdo, o presente estudo observou o telejornal diário Meio-Dia Paraná - Curitiba, da Rede Paranaense de Comunicação (RPC), que deslocou repórteres para as áreas atingidas. Foram examinadas todas as edições do mês de maio de 2024 para verificar o agendamento do tema e a presença de pautas responsáveis. Partindo da premissa de que a pauta jornalística é fundamental na produção de notícias, pois define o que será noticiado e como será apresentado, procurou-se identificar a presença de especialistas abordando possibilidades de soluções e, cobrança de ações preventivas para evitar que situações dramáticas tornem a acontecer. O trabalho midiático responsável, pode contribuir para o enfrentamento da situação, no entanto, o estudo identificou que há falta de pautas aprofundadas que pensem no futuro, além de ausência de cobrança de soluções por parte do poder público.

**Palavras-chave:** Pauta jornalística; telejornalismo; eventos climáticos; agendamento.

## Resumen

*Los medios de comunicación desempeñan un papel esencial a la hora de informar y concienciar a los ciudadanos sobre cuestiones que afectan a su vida cotidiana, y el impacto de los fenómenos meteorológicos extremos no es una excepción. En 2024, la temperatura del planeta alcanzó los registros más altos de la historia moderna y el calentamiento ha provocado un aumento significativo de los desastres, incluso en Brasil. Las noticias sobre las lluvias torrenciales que destruyeron cientos de ciudades en Rio Grande do Sul, traspasaron las fronteras estatales y nacionales y se difundieron en los noticiarios brasileños. A partir del análisis de contenido, el presente estudio observó el noticiario diario Meio-Dia Paraná – Curitiba, de la Rede Paranaense de Comunicação (RPC), que envió reporteros a las zonas afectadas. Se examinaron todas las ediciones del mes de mayo de 2024 para verificar la agenda-setting del tema y la presencia de agendas responsables. Partiendo de la premisa de que la agenda periodística es fundamental en la producción de noticias, ya que define qué se informará y cómo se presentará, se buscó identificar la cobranza de acciones preventivas para evitar que situaciones dramáticas vuelvan a ocurrir y la presencia de especialistas que aborden posibles soluciones. El trabajo mediático responsable puede contribuir a hacer frente a la situación. Sin embargo, el estudio identificó que hay una falta de agendas profundas y con visión de futuro, además de una ausencia de cobrar soluciones por parte del poder público.*

**Palabras clave:** Agenda periodística; periodismo televisivo; eventos climáticos; agenda-setting.

## Abstract

*The media plays an essential role in inform and raise citizen's awareness about issues that affect in their daily lives and, the impact of the extreme weather events is no exception. In 2024, the planet's temperature reached the highest levels in modern history and the warming brought a significant increase in disasters, even in Brazil. News of the torrential rains that destroyed hundreds of cities in Rio Grande do Sul, crossed state and national limits, and spread across Brazilian TV news. Based on content analysis, the present study observed the daily news program Meio-Dia Paraná – Curitiba, from Rede Paranaense de Comunicação (RPC), which sent reporters to the affected areas. All editions from the month of May 2024 were examined to verify the agenda-setting of the topic and the presence of responsible agendas. Starting on the premise that the journalistic agenda is fundamental in news production, as it defines what will be reported and how it will be presented, attempted to identify the presence of experts discussing possible solutions and demanding preventive measures to avoid dramatic situations from happening again. Responsible media coverage can contribute to addressing the situation. However, the study identified a lack of in-depth forward-looking agendas, in addition to the absence of demand for solutions from the public authorities.*

**Keywords:** Agenda; telejournalism; weather events; agenda-setting.

## Introdução

As temperaturas estão bem acima dos níveis pré-industriais, e de acordo com os dados da Organização das Nações Unidas (ONU, 2025), o ano de 2024 foi o mais quente desde que as medidas começaram a ser registradas. Em função desse aquecimento, há um expressivo aumento em desastres climáticos, como secas, incêndios, enchentes e desmoronamentos, que além do evidente prejuízo material, é responsável por ceifar milhares de vidas no mundo. A previsão dos especialistas é de subida das temperaturas, com consequências mais graves e mais intensas. Mas para o secretário-geral da ONU (2025), António Guterres, “ainda há tempo para evitar o pior da catástrofe climática. Mas, as lideranças políticas devem agir agora”. E nesse contexto, a atividade jornalística de cobrar e fiscalizar ações do poder público é de vital importância.

No Brasil, as regiões Sul e Sudeste são as mais suscetíveis à eventos climáticos severos e nesses cenários de risco e destruição, a mídia conta a história das cidades e das famílias atingidas, registrando impactos e consequências imediatas do fato. Nesse sentido, o jornalismo desempenha papel essencial em informar e conscientizar sobre os assuntos que interferem no cotidiano da população. Ao consultar autores especializados, percebe-se que pautar o noticiário é papel de profissional responsável e comprometido com a sociedade, e pensar pautas diferenciadas é mais que uma obrigação profissional. Porém, ao focar apenas nos resultados imediatos, a mídia não se aprofunda na investigação e se afasta de seu papel fiscalizador: responsável por cobrar do poder público o planejamento e a execução de ações que diminuam o impacto dos eventos extraordinários.

O pior desastre da região Sul – que reúne Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (RS) – aconteceu em maio de 2024, quando o RS teve 95% de suas cidades inundadas e destruídas pelas chuvas. A dimensão do evento foi tão intensa, que após um ano da tragédia, o assunto foi destaque recorrente entre os participantes do VI Congresso da Sociedade de Análise de Risco Latino-Americana (SRA-LA) – realizado em maio de 2025 em Curitiba, capital do Paraná – ao discutirem as mudanças climáticas.

A catástrofe do Rio Grande do Sul ganhou espaço em toda a mídia nacional, com pautas diárias atualizando a situação na região e motivando a solidariedade dos brasileiros para com a população atingida pela calamidade. Uma das emissoras de televisão que entrou nessa empreitada pró RS, foi a Rede Paraense de Comunicação (RPC), afiliada da Rede Globo, com sede em Curitiba. A RPC pensou a cobertura da tragédia, a partir do trabalho dos paranaenses envolvidos no auxílio aos gaúchos, como é conhecida a população do Rio Grande do Sul.

Considerando que o Paraná também tem histórico de catástrofes climáticas e que esses eventos são cada vez mais frequentes, este estudo se interessa em entender se os telejornais produzem

pautas investigativas, educativas e aprofundadas em busca de soluções para os problemas locais. Dessa forma, compreender se as pautas reforçam a necessidade e a importância de ações preventivas por parte do poder público para enfrentar os efeitos climáticos extremos. A análise usou como objeto de estudo o Meio-Dia Paraná – Curitiba, da RPC, um telejornal com duração diária de mais de uma hora, exibido de segunda a sábado, no horário do almoço. A abordagem da análise de conteúdo foi usada para observar a frequência e o tipo de notícias publicadas, a fim de identificar padrões e tendências da pauta jornalística. Todas as reportagens, disponibilizadas na plataforma digital Globoplay, veiculadas em maio de 2024, também foram examinadas à luz da Teoria do Agendamento.

## 1. O papel social do jornalismo

As mudanças climáticas provocadas pela ação humana, como o desmatamento e o desenvolvimento tecnológico, agravam a ocorrência de eventos extremos e isso aumenta a vulnerabilidade a inundações e outros desastres. Todas essas ocorrências são noticiadas pela mídia, que busca atender à necessidade informativa da sociedade. É através das notícias que o público conhece informações que o ajudam a lidar com questões que interferem em seu cotidiano e a praticar a cidadania, e no entendimento do professor Melo (2003, p. 49-50), os produtos jornalísticos, como telejornais “refletem aquilo que os cidadãos querem e precisam saber/conhecer/acompanhar”.

Seja no formato aberto ou por assinatura, a televisão figura como uma plataforma dominante quando se trata de audiência no Brasil. Ela responde por 74% do tempo total de consumo domiciliar, como divulgado pelo Kantar Ibope de Mídia (2024). Por extensão, essa receptividade ao meio televisivo, alcança também o telejornalismo, o ofício jornalístico praticado na televisão. O telejornal é transmitido ao vivo, seu conteúdo oferece variedade de assuntos, e, principalmente, dá voz a diversos agentes sociais que possam representar a sociedade de forma completa. Em ‘Aprender Telejornalismo’, Sebastião Squirra (1993, p.14) afirma que “pelos características dos assuntos que aborda e veicula, o telejornal é o tipo de programa que mais credibilidade proporciona às emissoras”. Por isso, o telejornal é considerado um dos principais produtos da grade de programação.

Dentre os principais desafios globais, a preocupação com o futuro do planeta é um tema capital, especialmente quando se trata de mudanças climáticas. O Congresso SRA-LA (2025) tornou explícito aos participantes, que a conscientização sobre esse assunto é essencial para promover práticas sustentáveis e mitigar os impactos ambientais. Nesse contexto, entende-se que o jornalismo tem função social de destaque: quando trabalha uma cobertura mais aprofundada sobre o tema, contribui para conscientizar e estimular a sociedade a agir de forma mais responsável.

Há mais de uma década do evento citado, o professor Melo (2012) destaca, em *Comunicação e Cidadania*, a importância do jornalismo como uma poderosa ferramenta na construção da cidadania e na conscientização sobre as questões ambientais. Tal argumento nos permite entender que um telejornal, como o Meio-Dia Paraná, pode ajudar na promoção de práticas sustentáveis e na fiscalização de políticas públicas. Mas além de dar visibilidade aos impactos locais imediatos, precisa ter pautas aprofundadas, que possibilitem informações científicas precisas, análise e cobrança de políticas públicas preventivas, além de investimentos dos governos.

## **1.1. A pauta no jornalismo**

A teoria da notícia e do jornalismo se aprofunda em compreender como as notícias são construídas, analisando como elas são moldadas e apresentadas ao público, e como elas contribuem para formar a percepção pública da realidade, a partir do que a mídia divulga. Diante dessa perspectiva, a obra do pesquisador Jorge Pedro Sousa (2008), deixa claro que a pauta jornalística é um fator determinante nesse processo, uma vez que estabelece que fato é relevante para ser considerado notícia e como será contado para a sociedade, a partir das fontes e da abordagem escolhida pelos veículos.

Em consonância com a definição anterior, Melo (2008) argumenta que a história da pauta está intimamente ligada à evolução do jornalismo brasileiro, que começou a adotar a pauta como ferramenta de produção nas primeiras décadas do século XX, com ênfase em objetividade e estruturação das notícias. Segundo Nilson Lage (2001, p. 7), “a notícia ganhou sua forma moderna, copiando o relato oral dos fatos singulares, que, desde sempre, baseou-se, não na narrativa em sequência temporal, mas na valorização do aspecto mais importante de um evento”.

Mas a consolidação da pauta no Brasil levou três décadas, entre 1930 e 1960, com a modernização dos jornais, que se apropriaram de novas técnicas e estruturas. Com a criação das redações jornalísticas, como explica o autor, os veículos começaram a organizar suas equipes em funções especializadas, incluindo editores, repórteres e fotógrafos. Foi a partir dessa nova configuração, que as redações começaram a usar pautas para planejar e organizar coberturas jornalísticas e o instrumento passou a integrar a rotina profissional. A pauta jornalística é um plano de trabalho que orienta a produção de conteúdo jornalístico, define os temas, assuntos e histórias que serão abordados, além de estabelecer prioridades e diretrizes para a cobertura. Portanto, ela agiliza e organiza toda a produção jornalística dentro do tempo determinado.

## **1.2. Os problemas da pauta factual**

No telejornalismo contemporâneo, existe uma tendência de se noticiar o aqui e o agora, entregando ao público notícias atuais e frescas, que são chamadas de factuais. A pauta

jornalística factual é aquela centrada em fatos objetivos que, como argumenta Nelson Traquina (2005), busca informar o público sobre eventos e acontecimentos que estão acontecendo ou acabaram de acontecer. Muitas das pautas são realizadas com entradas dos repórteres ao vivo, durante a apresentação do telejornal. E quando elas são gravadas, normalmente o próprio repórter tem uma participação ao vivo, seja para chamar a reportagem, seja para atualizar as informações. Esse processo, reforça o compromisso com a atualidade e torna o telejornal mais dinâmico e com maior proximidade entre os jornalistas e o público.

Por outro lado, o tempo sempre foi um constrangimento no jornalismo, e a pauta factual pode apresentar problemas, como a superficialidade de conteúdo, por falta de contexto e de tempo para executá-la. Como o fato acabou de acontecer ou está acontecendo, ainda não há muitos detalhes apurados, principalmente, se a pauta for do tipo imprevisível, sobre um fato inesperado, em que o repórter precisa ter muita agilidade na cobertura. Lage (2005) também fala sobre a pauta previsível, que é a base de qualquer noticiário, visto que que entram no planejamento da edição futura, podem ser trabalhadas com mais tempo, como uma inauguração, que tem dia e horário para ocorrer.

A busca por notícias mais recentes e impactantes pode levar para uma produção distorcida da realidade. Como explica o professor Brandão (2010, p. 111), a televisão “é um decisivo agente de socialização e de construção social da realidade”, por isso precisa agir com responsabilidade. E nesse conjunto de desafios que a mídia se coloca, por opção pelo factual, acaba priorizando temas e fontes mais tradicionais e facilmente acessíveis, em detrimento a olhares e vozes menos representadas na mídia. Para superar esses problemas, é fundamental que os jornalistas busquem uma abordagem mais crítica e reflexiva no desenvolvimento da pauta, considerando diferentes perspectivas e contextos. Como ressalta Borrego (2011, p. 23) “o jornalismo desempenha um papel social importante ao fornecer informações que contribuem para a formação da opinião pública e para a tomada de decisões”. No entanto, se ficar limitado ao registro factual dos impactos, das consequências e não se aprofundar, não cumpre o papel que a sociedade espera e precisa.

### **1.3. Pauta e agendamento**

Para um fato ser considerado notícia, ele precisa atender critérios jornalísticos e, como explica Sousa (2004, p. 23), esses critérios “são as qualidades que um determinado fato deve possuir para ser percebido como notável e singular”. Como Sousa, Nelson Traquina (2002, p. 185) também entende que ‘relevância; abrangência, atualidade e proximidade’, são alguns dos valores que chamam a atenção do jornalista sobre um fato. É a partir daí que o profissional produz sua pauta e considerando diversidade de temas e de pontos de vista. E nesse contexto,

a pauta é para Traquina (2015, p. 156) “um conjunto de critérios e procedimentos que orientam a seleção e a hierarquização das notícias”. O trabalho deve ser realizado com rigor na apuração e na checagem da informação, antes de publicar a notícia.

Os jornalistas, enquanto comunidade, compartilham códigos pertinentes à rotina de trabalho e Traquina (2004, p. 8), destaca que a pauta também é influenciada pelas rotinas produtivas das redações e pelas relações entre os jornalistas e as fontes. Além disso, Dione Moura adverte que essa escolha passa por interesses dos proprietários da empresa, a pressão dos anunciantes e até mesmo a opinião pública. Por isso, “a pauta jornalística pode ser entendida como um reflexo da realidade social, mas também como uma construção que reflete os interesses e valores dos jornalistas e das organizações de mídia” (Moura, 2015, p. 90).

Nas últimas décadas, os estudos sobre pauta têm interagido com diversas áreas do conhecimento. Nos anos 1970, Maxwell McCombs e Donald Shaw desenvolveram uma das principais teorias relacionadas ao impacto social da mídia, a chamada Teoria do Agendamento. Como explica Nelson Traquina (2002), a mídia exerce influência significativa na definição da agenda pública, determinando os temas que serão debatidos pela população, por meio das pautas publicadas. Conforme reflexões de Felipe Pena (2005, p. 142), “os consumidores tendem a considerar mais importante os assuntos que são veiculados na imprensa, sugerindo que os meios de comunicação agendam nossas conversas”. Em outras palavras, o que estava na agenda mediática, se transforma em agenda pública. É nessa ótica que se sustenta o argumento de Nuno Brandão (2010, p.149), de que o jornalismo acaba por “desempenhar um determinante papel na configuração da sensibilidade e opinião dos telespectadores”. Como a tragédia do RS invadiu as casas dos paranaenses que consomem telejornais, o tema virou ponto de conversa na sociedade. Por isso, entender o comprometimento do Meio-Dia Paraná, com as questões climáticas, é parte fundamental do estudo.

A partir dos anos 90, a internet transformou a maneira de produzir, distribuir e consumir notícias. A mídia teve que se adaptar a esse novo cenário e as pautas se tornaram mais ágeis em função da facilidade de acesso aos fatos, fontes e formatos de produção. O fluxo de informação se tornou mais fácil, mas ao mesmo tempo mais volumoso e exige mais do profissional. No contexto atual, a atividade jornalística enfrenta novos desafios, pois com a proliferação das notícias falsas, é preciso apurar ainda mais profundamente os fatos e as fontes, para saber a origem da notícia e os interesses envolvidos. No mundo digitalizado, é essencial que os jornalistas identifiquem e priorizem as notícias mais relevantes e precisas, garantindo a qualidade e a credibilidade da informação. As mudanças climáticas precisam dessa atenção e abordagem mais profunda.

## 2. Mudanças climáticas no Brasil

A expansão das geleiras, o Dilúvio e a erupção do Vesúvio são alguns dos grandes desastres climáticos registrados ao longo da história. Mas se no passado as mudanças ocorriam em um processo lento e gradativo, agora os eventos estão acelerados e mais frequentes, o que impacta em perdas humanas e materiais significativas. Em tempos atuais, os eventos climáticos severos são um desafio global, com consequências devastadoras para o meio ambiente e a sociedade. Segundo o último censo do IBGE (2022), o Brasil tem uma população de 203 milhões de habitantes e mais de 6 milhões de pessoas sofreram com o calor extremo, por mais de 150 dias, em 2024.

As mudanças climáticas têm impactado o território brasileiro constantemente: a seca na Amazônia; a onda de calor na região central; as queimadas no Pantanal; e as chuvas no Rio Grande do Sul são alguns desses eventos. Para Joel Goldenfum (2025), secretário executivo do Comitê Científico da Secretaria de Inovação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, os eventos de hoje são diferentes do passado. “Os desastres não são naturais, são socialmente construídos”, alertou o pesquisador durante o Congresso SRA-LA.

Dentre as principais causas indicadas pelos cientistas estão: o desmatamento, que eleva a temperatura e altera o regime de chuvas; e o desenvolvimento tecnológico, responsável por aumentar o índice de gases na atmosfera. Portanto, os eventos extremos não acontecem por acaso e nem são obra do divino, eles têm a contribuição da mão do homem. De maneira unânime, os participantes do Congresso SRA-LA 2025, afirmam que é preciso ampliar políticas públicas eficazes para lidar com as mudanças climáticas e proteger a população.

Mudanças climáticas exigem ações preventivas e políticas públicas eficazes para mitigar seus efeitos. Ao comparar os eventos climáticos a icebergs, o pesquisador da Fiocruz Carlos Machado de Freitas (2025) ressalta que “o que temos acesso é apenas a face visível de processos sociais, políticos, econômicos e ambientais complexos e profundos”. Durante o SRA-LA 2025, ele explicou que os registros de danos e perdas econômicas costumam ser a parte visível do iceberg e que não se trabalha com as causas em sentido preventivo. Mas no entendimento do especialista Carlos Nobre (2025), “a prevenção é a melhor estratégia para lidar com as mudanças climáticas”.

Nesse sentido, as políticas públicas desempenham um papel fundamental na promoção de práticas sustentáveis e na redução das emissões de gases de efeito estufa, que aceleram os eventos climáticos. E nesse caso, o papel da mídia tem sua importância redobrada. Para além de informar e conscientizar o telespectador, é preciso produzir pautas aprofundadas, fiscalizar e cobrar ações preventivas.

## 2.1. A tragédia do Rio Grande do Sul

O maior desastre climático ocorrido no sul do Brasil, foi no Rio Grande do Sul (RS), que tem uma população de cerca de 10 milhões de habitantes (IBGE, 2022) e uma extensão territorial de quase 3 vezes a de Portugal. É um Estado rico em agricultura e com um parque industrial desenvolvido. Além de não estar distante do Paraná, muitos paraenses vivem no RS, muitos têm parentes naquelas terras, e outros tantos têm negócios com os gaúchos, o que motiva viagens constantes ao Estado.

**Figura 1 - Mapa do Brasil, destacando a Região Sul**



*Fonte: Imagem da Internet, com adaptação das autoras*

No ano passado, entre abril e maio de 2024, o RS foi devastado por fortes chuvas, com duração, intensidade e abrangência territorial jamais observadas no Brasil. A população gaúcha já vinha sofrendo com vários eventos climáticos nos meses anteriores, portanto, o solo já estava encharcado, o que causou destruição e perdas significativas. Além das perdas humanas, os estragos causaram prejuízos materiais severos: 12,2 bilhões de reais, segundo dados parciais divulgados em 14 de junho de 2024 pela Confederação Nacional dos Municípios. Os dados atualizados pela Defesa Civil RS, publicados no portal G1 RS em abril de 2025, confirmam que mais da metade do Estado foi arrasado: 95% dos 497 municípios foram atingidos, em menor ou maior grau; mais de 2,4 milhões de pessoas foram afetadas, 184 morreram e mais de 600 mil pessoas deixaram suas casas.

O cenário de destruição foi noticiado nos jornais de todas as cidades brasileiras, que relataram o cotidiano da tragédia e estimularam solidariedade para atender às principais necessidades imediatas dos gaúchos. A tragédia e as ações de voluntários ganharam espaço na mídia nacional, inclusive no Paraná.

## 2.2. O Paraná

O Estado do Paraná, também localizado na Região Sul do Brasil, registra em sua história catástrofes climáticas, incluindo enchentes, temporais, secas e vendavais que provocaram grandes danos sociais, econômicos e estruturais. Em março de 2025, por exemplo, temporais atingiram várias cidades do Estado (Palotina, Londrina, Guarapuava), provocando alagamentos e quedas de árvores com severos prejuízos. O monitoramento da Defesa Civil do Paraná (2025) registrou eventos extremos em mais da metade dos municípios do Estado. Foram 478 ocorrências (vendavais, alagamentos, estiagem e chuva de granizo) em 207 cidades, das 399 existentes. Além disso, o Paraná também tem enfrentado desafios imensos provocados por períodos de estiagem. A safra de 2021/2022 teve perdas na ordem de 16 bilhões de reais. (CREA-PR, 2022). Todos esses eventos que atingiram o Estado, foram cobertos de maneira factual pela mídia local e estadual, pois reúnem características de valor de notícia.

Além da relevância e abrangência do tema, existe a proximidade entre o Paraná e o RS. Mas não é só: ambos foram colonizados por alemães e italianos e compartilham questões culturais. Portanto, o valor de notícia, se verifica em âmbito geográfico, comercial e emocional, entre os dois estados. Ainda que o IBGE não tenha registro dos números, muitos paranaenses vivem no Rio Grande do Sul, o que acentua essa proximidade. O telejornalismo da RPC imergiu na cobertura e a tragédia gaúcha entrou na pauta da mídia do Paraná e, por extensão, na casa e no cotidiano da população paranaense. O telejornal Meio-Dia Paraná, da RPC, produziu e veiculou reportagens diárias sobre a situação do RS, por isso é objeto do presente estudo.

## 3. Metodologia

O noticiário Meio-Dia Paraná, tem sede em Curitiba e é um dos três telejornais produzidos pela Rede Paranaense de Comunicação (RPC), que exibe a programação da Rede Globo. Ele é um dos produtos informativos mais importantes, entre os produzidos no Estado.

O estudo analisou todas as reportagens disponíveis na plataforma digital Globoplay (<https://globoplay.globo.com>), do telejornal Meio-Dia Paraná – Curitiba, veiculadas em maio de 2024, com especial atenção às pautas sobre questões climáticas. Sob a perspectiva da Teoria do Agendamento, a abordagem de análise de conteúdo foi usada para observar a frequência e o tipo de notícias publicadas, a fim de constatar padrões e tendências da pauta jornalística. A pesquisa foi feita no intuito de compreender a produção jornalística sobre o tema mudanças climáticas, para verificar se o telejornalismo reforça a necessidade e a importância de ações preventivas para enfrentar os eventos climáticos extremos.

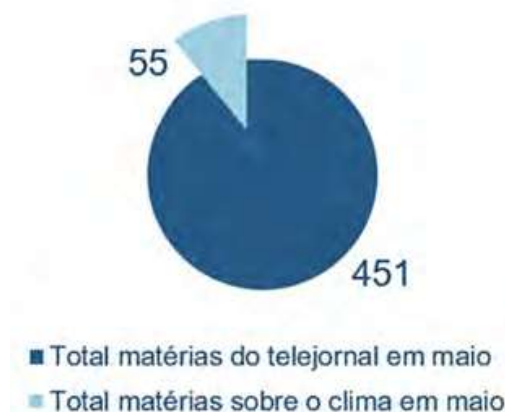
O primeiro passo foi assistir a cada edição do mês de maio na plataforma, identificando as matérias relativas às questões climáticas. A partir dessa leitura, perceber a produção das pautas jornalísticas relativas aos desastres naturais, conferindo se havia cobranças ao poder público sobre ações preventivas, busca de soluções para evitar ou diminuir o impacto de novos eventos e se havia aprofundamento nas reportagens com a presença de fontes especialistas apontando alternativas para os problemas. Essa análise proporcionou observar o padrão e frequência das reportagens: o tempo, local de origem, recursos usados e deslocamento de repórteres e apresentadores, sempre sob a ótica do agendamento.

## 4. Coleta e análise de Dados

O telejornal Meio-Dia Paraná – Curitiba é exibido de segunda à sábado, com duração de 1h15, das 11h45 às 13 horas. São dois apresentadores na capital, os experientes jornalistas Roberson Januzzi e Ana Carolina Oleksy. Sendo um jornal de abrangência estadual, o conteúdo é reforçado pelas equipes que trabalham em outras 7 cidades com emissoras do Grupo RPC no Paraná. Como estão localizadas em várias regiões do Estado, essas emissoras asseguram uma cobertura abrangente, ao noticiar fatos e eventos locais para o programa jornalístico.

Durante o período observado, de 1º a 31 de maio, foram 27 edições do Meio-Dia Paraná. Ao todo, são 451 reportagens disponibilizadas na plataforma Globoplay. Em média são 17 vídeos por edição, mas esse número pode variar entre 11 e 23, a depender do dia noticioso, que pode proporcionar mais ou menos notícias no telejornal. Durante o período foram 27 edições, que resultaram em 55 reportagens relativas a eventos climáticos. Apenas nos dias 1º e 28, não houve agendamento do tema.

**Gráfico 1 - Matérias Meio-Dia Paraná no mês de maio de 2024**



Fonte: Autoras

Desde o dia 26 de abril de 2024, as chuvas se intensificaram no Rio Grande do Sul, mas foi a partir do início de maio, que o telejornal Meio-Dia Paraná veiculou notícias sobre o fenômeno. No começo da cobertura, as notícias apenas reproduziam imagens e informações fornecidas pelos veículos gaúchos, Defesa Civil e Corpo de Bombeiros, em atuação nas várias cidades atingidas. Com o passar dos dias, a RPC começou a produzir conteúdo próprio. Apresentadores e repórteres conversaram por vídeo chamada, ou mesmo por telefone, com paranaenses ilhados pelas águas, ou moradores apreensivos com as condições climáticas; eles também receberam autoridades no estúdio, para entrevistas ao vivo. O foco da RPC foi pautar assuntos relacionados aos paranaenses, com o intuito de incentivar a população do Paraná a participar do movimento de solidariedade às vítimas, que se desencadeou pelo Brasil. Essa intenção era mostrada na tela, por meio das legendas.

**Figura 2 - Tela do Meio-Dia Paraná do dia 07/05/2024**



Fonte: Globoplay

Desde os primeiros dias de maio, o tema foi amplamente agendado pelo Meio-Dia Paraná e o efeito de sensibilização dos paranaenses foi imediato: houve engajamento na campanha e milhares de pessoas se mobilizaram para ajudar as vítimas da tragédia.

**Tabela 1 - Frequência das reportagens sobre o tema, de 1º a 8 de maio de 2024**

Maio	Matérias sobre o tema	Tempo no telejornal	Percentual de tempo no telejornal
1	0	-	0%
2	1	3'	4%
3	3	24'	32%
4	3	8'	11%
6	2	4'	5%
7	4	18'	24%
8	2	9'	12%

Fonte: Autoras

## 4.1. RPC e a cobertura no RS

Quando a situação de calamidade se intensificou no Rio Grande do Sul, a RPC decidiu enviar equipes para uma cobertura in loco, pelos próprios repórteres. Os primeiros profissionais deslocados para a área do desastre, integravam as equipes do apresentador Roberson Januzzi e da repórter Vanessa Rumor. A apresentadora Ana Carolina Olesky ficou em Curitiba para conduzir o programa. Nas semanas seguintes houve revezamento de equipes no estado gaúcho e, na tela, as legendas informavam a presença dos repórteres na área da tragédia.

**Figura 3 - Tela do Globoplay, do Meio-Dia Paraná do dia 10/05/2024**



*Fonte: Globoplay*

A viagem de carro ao RS começou no final da tarde do dia 8 e quando o dia amanheceu, as equipes já estavam transmitindo as primeiras informações. Durante o trajeto, em uma espécie de “diário de bordo”, eles fazem relatos pessoais sobre dificuldades enfrentadas e destruição vistas no caminho: situação das estradas, deslizamentos, áreas isoladas e as alternativas para os motoristas. Também falam sobre desabrigados, cidades atingidas, nível dos rios e número de mortos. A dimensão da tragédia é reforçada com imagens capturadas por drones.

A repórter Vanessa Rumor seguiu para Canoas (na Região Metropolitana de Porto Alegre), base dos bombeiros paranaenses que operaram na tragédia. Roberson Januzzi foi para a cidade de Cruz Alta, onde estão concentradas as doações para as vítimas. Em suas participações ao vivo, ambos deixam claro que a intenção da RPC na cobertura especial é de valorizar o trabalho do paranaense: policiais, bombeiros, voluntários e pessoas comuns que estão ajudando na tragédia.

A cobertura do desastre gaúcho, teve seu ápice em três dias seguidos: 9, 10 e 11 de maio, quando boa parte do telejornal foi dominada pelo assunto, em percentuais bastante expressivos. Nos dois dias 9 e 10, mais da metade do tempo do Meio-Dia Paraná tinha matérias relativas ao tema. No dia seguinte, quase 30 por cento e nos demais dias de maio, essa média foi diminuindo.

**Tabela 2 - Ápice da cobertura em dias seguidos, maio de 2024**

<b>Dias</b>	<b>Matérias sobre o tema</b>	<b>Tempo no telejornal</b>
09	6	43'
10	8	47'
11	2	21'

*Fonte: Autoras*

Além das várias entradas ao vivo dos repórteres no RS, outras matérias sobre a tragédia foram pautadas. Todas elas dinâmicas no formato, misturando entrevistas ao vivo, sonoras gravadas e presença dos repórteres nos telões do estúdio conversando com a apresentadora. Na tela, havia um QR Code com os contatos para doações. Essa diversidade no modo de contar a história é uma estratégia de produção recorrente no jornalismo da RPC.

Ao todo, no primeiro dia da cobertura em solo gaúcho, dia 09, foram 43 minutos de entradas ao vivo e gravadas sobre a tragédia. Isso significa que, mais da metade, quase 60% do jornal foi usado para o tema tragédia no RS. No dia seguinte, 10, a cobertura do Meio-Dia Paraná no Rio Grande do Sul, ocupou 47 minutos do total do tempo do telejornal, correspondendo a 63% do conteúdo apresentado ao telespectador. Além das entradas ao vivo de Canoas e Cruz Alta, as seguintes matérias foram produzidas pela redação da RPC: 'Saiba como organizar itens antes de doar'; 'Hemepar pede doações'; 'Paranaenses atuam no socorro às vítimas em Canoas'; 'Bombeiros paranaenses falam sobre resgates'; 'Empresa e instituições que organizam doações'; 'Caminhões levam 250 toneladas para o RS'; e 'Doações do Paraná chegam ao Rio Grande do Sul'. Foi o dia que apresentou maior diversidade de conteúdo sobre a tragédia, com reportagens de várias partes do Paraná. Além disso, foi o dia em que mais tempo (63%) do telejornal foi usado na cobertura.

O dia 11 também está entre os dias em que o tema foi fortemente agendado no Meio-Dia Paraná. Foram 21 minutos ocupados pelas pautas relacionadas ao tema, o que representa 28% do tempo total do jornal. Ainda que menor que os dias anteriores, o valor é bem significativo, principalmente se considerarmos que foram apenas duas matérias e ambas dedicadas ao trabalho de voluntários, com muito movimento de repórteres pelas cidades de várias regiões do Paraná. A outra matéria do dia sobre o tema, começa com o repórter Bruno Fávaro, que está em Porto Alegre. Ele atualiza as informações mostrando que a chuva não dá trégua e que a cidade está inundada. Depois, chama a repórter Vanessa Rumor, que está em Canoas. Esse material, também rico em depoimentos, tem mais de 10 minutos de duração.

**Gráfico 2 - Tempo ocupado nos três dias mais intensos**



Fonte: Autoras

Nos demais dias de maio, apesar dos números crescentes, em perdas humanas, patrimoniais e estruturais, percebe-se que o espaço dedicado à cobertura foi diminuindo. O tema deixou de ser prioridade da RPC e outras pautas foram retomando seus espaços no dia noticioso do telejornal.

**Tabela 3 - Frequência das reportagens sobre o tema, de 13 a 31 de maio de 2024**

Maio	Matérias sobre o tema	Tempo no telejornal	Percentual de tempo no telejornal
13	2	13'53"	19%
14	2	13'06"	17%
15	3	10'38"	15%
16	2	2'37"	3%
17	1	6'34"	9%
18	3	8'23"	11%
20	2	8'49"	11%
21	1	6'24"	9%
22	1	6'43"	9%
23	1	5'41"	7%
24	1	6'27"	9%
25	1	2'51"	3%
27	1	5'06"	7%
28	0	-	0%
29	1	7'50"	10%
30	1	3'47"	5%
31	1	4'46"	7%

Fonte: Autoras

Nos 31 dias observados, apenas em dois dias, 1º e 28, o Meio-Dia Paraná não agendou o tema mudanças climáticas. A tragédia continuou sendo pautada, mas o espaço dedicado ao assunto foi perdendo vigor e a cobertura se tornando mais escassa sem que os profissionais da RPC tenham voltado a atenção jornalística para pautas de prevenção para que o Paraná não passasse por situação semelhante à do Rio Grande do Sul, ou às enfrentadas pelos paranaenses em ocasiões anteriores, de eventos extremos.

## 4.2. Jornalismo responsável

Durante todo o período observado, apenas três pautas mostraram um perfil diferenciado das demais e foram pensadas com vistas a uma produção educativa, na busca de ações preventivas e/ou soluções alternativas para os problemas provocados pelas mudanças climáticas.

**Tabela 4 - Pautas diferenciadas**

<b>Dia</b>	<b>Retranca</b>	<b>Tempo</b>	<b>Tipo</b>	<b>Fontes / especialistas</b>
3	<b>Governo monitora barragens no PR. São 1600. 81% prontas</b>	2'43"	<b>Obra – levantamento da situação desde julho de 2024</b>	Não há outras vozes, apenas o relato da atividade em curso. <b>Nenhum resultado publicado ainda.</b>
7	<b>Bombeiros fazem treinamento para resgate</b>	4'00"	<b>Capacitação – Força Tarefa para atuar em desastres</b>	<b>Cap. Luisiana</b> – 3 sonoras – explica o curso; <b>Cabo Paola</b> (Maringá) – sobre o revezamento; <b>Major Ícaro</b> (está no RS) – equipamentos e trabalho das equipes; <b>Robert</b> (está no RS) – voluntário – guarda vida civil PR – partos e resgates.
27	<b>IA para prevenir inundações</b>	5'06"	<b>Pesquisa acadêmica – resultados e aplicação da pesquisa em Curitiba</b>	<b>Gabriel T. Rodrigues</b> – doutorando em Gestão Urbana – 3 sonoras – impacto das inundações a partir da drenagem das águas pluviais; <b>Fábio de Souza</b> – orientador – 2 sonoras – sobre a pesquisa e a <b>falta de investimento do governo em prevenção.</b>

Fonte: Autoras

1ª) 'Governo monitora barragens no PR' – A reportagem sobre o monitoramento de barragens, trouxe um assunto relevante para a população (visto que o Paraná já foi vítima de várias inundações), sobre a vistoria que o Governo está realizando. Informa que desde 2024, 81% das barragens já foram vistoriadas. Apesar da pauta sugerir cobrança de ações de obras e prevenção das autoridades, a produção não passou de um relato oficial e sem a presença de fontes. No entanto, o relato não dá nenhuma informação sobre a situação delas, e se limita a descrever o trabalho: os profissionais observam a existência de rachaduras e o volume de água; os moradores são alertados que comuniquem às autoridades, em caso de anormalidades. A reportagem não traz e nem discute a falta de resultados, ainda que fossem provisórios. Não apura, não checa e não aprofunda o tema. Nenhuma outra pauta com essa abordagem preventiva foi produzida durante o mês de maio.

2ª) 'Bombeiros fazem treinamento para resgate' – Diretamente ligada à cobertura do desastre no RS, ela destaca a importância do treinamento dos bombeiros para agir com rapidez em caso

de desastres e explica que a qualificação começou em 2017, motivado pelas enchentes que atingiram o Paraná e o RS. A matéria tem múltiplas fontes e todas as imagens foram cedidas pelo Corpo de Bombeiros. A primeira fonte é a Capitã Luisiana, de Curitiba, que explica a criação da força tarefa e a importância do curso em ações emergenciais e quanto esse treinamento tem sido valioso na atual calamidade do Sul. A participação da Capitã acontece em 3 sonoras, alternadas com as demais fontes. O revezamento dos profissionais no RS, foi explicado pelo Cabo Paola, de Maringá, que está seguindo para ajudar a população atingida. O Major Ícaro, já está no RS e fala sobre os equipamentos que o Paraná levou e como é o trabalho da equipe. A última fonte da reportagem é o Robert (sem sobrenome), guarda civil no Paraná, atuando como voluntário em partos e resgates na tragédia gaúcha. Reportagem importante por seu caráter preventivo, no entanto, apesar do Corpo de Bombeiros ter sido fonte constante de outras pautas durante todo o mês, o planejamento para a prática de ações preventivas não foi mais pautado.

3ª.) 'IA para prevenir inundações' – A reportagem mostra a importância da pesquisa acadêmica na busca de soluções preventivas, também para as questões climáticas. O estudo usa a inteligência artificial para prever alagamentos e suas consequências, e pode fornecer dados para que órgãos de defesa e segurança da sociedade tracem estratégias de atuação. Alerta para a falta de investimento em prevenção e em pesquisa nas áreas de saneamento básico. A matéria é rica em imagens e explicações em três sonoras com diferentes abordagens de Gabriel Rodrigues, doutorando em Gestão Urbana, que estuda o impacto das inundações nas cidades, a partir da drenagem das águas pluviais. As duas sonoras do professor e orientador Dr. Fábio de Souza (RPC, 2024) ressaltam a falta de investimento do governo em prevenção, e o quanto o poder público pode se beneficiar de estudos acadêmicos, seja na tomada de decisões e medidas de prevenção. Segundo ele, “gasta-se muito nas consequências e pouco na prevenção e, nesse contexto, a universidade pode contribuir”. Relata que a AI pode alertar com antecedência quando, onde e como serão haverá inundações.

Muito embora, o conteúdo abra espaço para diversas outras pautas jornalísticas, pesquisas acadêmicas não são recorrentes nos noticiários. É interessante notar que os apresentadores destacam a necessidade de planejamento e de ações para prevenir as catástrofes, no entanto, em 31 dias, o Meio-Dia Paraná produziu poucas matérias que escapam dessa visão imediata do fato.

## **Considerações finais**

O estudo demonstrou que durante o período observado, o Meio-Dia Paraná definiu a agenda pública em relação a tragédia climática no Rio Grande do Sul, ao veicular 55 reportagens sobre o tema, numa média diária de mais de duas reportagens. Em apenas dois dias, o tema não foi

agendado. Nesse cenário, o telejornal promoveu o engajamento nas campanhas de solidariedade, valorizou o trabalho de paranaenses na área atingida e informou sobre a situação. Esse recorte quantitativo da produção nos conduz à importância das palavras do professor Melo (2012), que reconhece que o jornalismo é um valioso instrumento para construir a cidadania e promover a consciência ambiental. Porém, a visão geral do estudo nos permite outras considerações. Note-se que pautar o noticiário é papel do profissional responsável e comprometido com a sociedade e pensar pautas diferenciadas é mais que uma obrigação profissional. No entanto, nas 451 reportagens veiculadas no período, identificou-se que o padrão do Meio-Dia Paraná é limitado à cobertura do fato imediato, sem o aprofundamento necessário. Mesmo diante da situação vivida pelos gaúchos, o telejornal não aproveitou para pensar e planejar pautas sobre ações preventivas e possíveis soluções em relação aos eventos climáticos extremos. Se limitou à cobertura do factual, do imediato e, dessa forma, contribui para o enfraquecimento do papel do jornalismo fiscalizador e com abordagem aprofundada.

Em apenas três situações, o telejornal se aproximou do perfil de pauta jornalística responsável, de produção educativa, na busca de ações preventivas e soluções alternativas para os problemas provocados pelas mudanças climáticas. Porém, apesar da relevância da pauta, a primeira, que informa sobre o monitoramento das barragens, não passa de um relato: não traz vozes múltiplas para melhor compreensão do fato, não questiona, não investiga e não traz os resultados. Na segunda, se percebe a importância da preparação para agir rapidamente, com ações imediatas em caso de desastres, e dá voz a atores sociais diferentes, do Paraná e RS. E a última delas, com os resultados de uma pesquisa acadêmica realizada em Curitiba, destaca falta investimento na área de prevenção; ressalta a disponibilidade de pesquisadores em ajudar a aliviar os problemas climáticos e aponta uma solução para prevenir inundações. Apesar do desafio global em relação às mudanças climáticas, e do alto valor de notícia das pautas, elas não serviram de inspiração para criar outras, com abordagem para além do factual. Em múltiplas oportunidades, o Secretário Geral da ONU António Guterres tem reforçado que ainda dá tempo para impedir que o pior aconteça, mas que as autoridades precisam agir. Nesse contexto, o envolvimento midiático na cobrança de planejamento e de obras estruturais de prevenção que possam mitigar os desastres climáticos, é ainda mais significativo. Porém, o estudo identificou falta de pautas aprofundadas visando o futuro e ausência de cobrança de soluções como falhas recorrentes na cobertura jornalística sobre as mudanças climáticas.

## Referências bibliográficas

- Borrego, M. A. M. (2011). *Jornalismo Ambiental: Um Desafio para a Sociedade*. Editora UFPE.
- Brandão, N. G. (2010). *As Notícias nos Telejornais: que serviço público para o século XXI*. Lisboa, Guerra e Paz Editores S.A.
- Confederação Nacional dos Municípios. (2024, Junho 14). *Balanço das chuvas no Rio Grande Sul aponta para R\$ 12,2 bilhões em prejuízos financeiros*. <https://cnm.org.br/comunicacao/noticias/balanco-das-chuvas-no-rio-grande-sul-aponta-para-r-12-2-bilhoes-em-prejuizos-financeiros>
- CREA – PR. (2022, Fevereiro 16). *Estiagem provoca perdas estimadas em R\$ 16 Bilhões no Paraná*. <https://www.crea-pr.org.br/ws/2022/02/estiagem-provoca-perdas-estimadas-em-mais-de-r-16-bilhoes-no-parana/>
- Defesa Civil Paraná. (2025, Março 17). *Nos últimos 12 meses mais da metade dos municípios registrou algum desastre natural*. <https://www.defesacivil.pr.gov.br/Noticia/Nos-ultimos-12-meses-mais-da-metade-dos-municipios-registrou-algum-desastre-natural>
- Freitas, C. M. (2025, Maio 19-23). *Emergência climática como emergência em saúde pública [Comunicação Oral]*. VI Congresso da Sociedade de Análise de Risco Latino-Americana (SRA-LA), Curitiba, Brasil.
- G1 RS. (2025, Abril 24). *Sobe para 184 número de vítimas 1 ano após enchente no RS; número de desaparecidos cai para 25*. Portal G1. <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/1-ano-de-enchente-rs/noticia/2025/04/24/sobe-para-184-numero-de-vitimas-1-ano-apos-enchente-no-rs-numero-de-desaparecidos-cai-para-25.ghtml>
- Globoplay. <https://globoplay.globo.com>
- Globoplay. (2024, Maio 01). *Meio Dia Paraná – Curitiba*. <https://globoplay.globo.com/meio-dia-parana-curitiba/t/xWVtPdyCJP/>
- Goldenfum, J. (2025, Maio 19-23). *O papel da ciência na formulação de soluções resilientes para políticas públicas de RRD [Comunicação Oral]*. VI Congresso da Sociedade de Análise de Risco Latino-Americana (SRA-LA), Curitiba, Brasil.
- IBGE. (2022). *Censo 2022 Panorama – Indicadores*. <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/indicadores.html?localidade=BR>
- Kantar Ibope de Mídia. (2024, Fevereiro 8). *Inside Video 2024*. <https://kantaribopemedia.com/inside-video-2024-2/>
- Lage, N. (2001). *Reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística*. Rio de Janeiro, Record Editora.
- Lage, N. (2005). *Teoria e Técnica do Texto Jornalístico*. Rio de Janeiro, Elsevier.
- McCombs, M. e Shaw, D. (2000). *A evolução da pesquisa sobre agendamento: vinte e cinco anos no mercado das ideias*. In: Traquina, N. (Org.), *O poder do jornalismo: análise e textos da teoria do agendamento*. Coimbra, Minerva.
- Meio-Dia Paraná. (2024) *Telejornal da RPC*. <https://g1.globo.com/pr/parana/videos-meio-dia-parana/>
- Melo, J. M. (2003). *Jornalismo opinativo: Gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. Mantiqueira.
- Melo, J. M. (2008). *História do Jornalismo no Brasil*. Editora da USP.
- Melo, J. M. (2012). *Comunicação e Cidadania*. Editora da USP.
- Moura, D. (2015). *Pauta Jornalística e Representação Social*. Editora da UFSC.
- Nobre, C. (2025, Maio 19-23). *Emergência climática: Desafios a enfrentar [Comunicação Oral]*. VI Congresso da Sociedade de Análise de Risco Latino-Americana (SRA-LA), Curitiba, Brasil.

- ONU. (2025, Janeiro 10). *ONU confirma 2024 como o ano mais quente já registrado, com cerca de 1,55°C acima dos níveis pré-industriais*. Nações Unidas Brasil. <https://brasil.un.org/pt-br/287173-onu-confirma-2024-como-o-ano-mais-quente-j%C3%A1-registrado-com-cerca-de-155%C2%B0c-acima-dos-n%C3%ADveis>
- Pena, F. (2005). *Teoria do Jornalismo*. São Paulo, Editora Contexto.
- RPC.(2025). *Rede Paraense de Comunicação*. Paraná. <https://redeglobo.globo.com/rpc/>
- RPC. (2024, 27 de maio). *Pesquisa usa inteligência artificial para prever inundações: Entrevista com professor Dr. Fábio de Souza*. [Segmento de noticiário de TV]. In *Meio Dia Paraná*. RPC. <https://globoplay.globo.com/v/12627909/>
- Sousa, J. P. (2004). *Introdução à Análise do Discurso Jornalístico Impresso: um guia para estudantes de graduação*. Florianópolis, Letras Contemporâneas.
- Sousa, J. P. (2008). *Teorias da Notícia e do Jornalismo*. Editora da Universidade Fernando Pessoa.
- Squirra, S. (1993). *Aprender telejornalismo: produção e técnica* (1ª ed.). São Paulo, Brasiliense.
- SRA-LA. (2025, Maio 19-23). *VI Congresso da Sociedade de Análise de Risco Latino-Americana – Ciência e tecnologia para a gestão integrada de riscos de desastres e adaptação às mudanças climáticas*, Curitiba, Brasil.
- Traquina, N. (2002). *O que é Jornalismo*. Quimera.
- Traquina, N. (2004). *Teorias do Jornalismo: Porque as Notícias são como São*. Insular.
- Traquina, N. (2005). *Teorias do Jornalismo: Porque as Notícias são como São*. (2ª ed.) Insular.
- Traquina, N. (2015). *Teorias do Jornalismo: Porque as Notícias são como São* (3ª. ed.). Insular.